

A prece não é um fechar-se com o Senhor para mascarar a alma: não, isto não é oração, uma oração assim é fingida. A oração é um confronto com Deus e um deixar-se enviar para servir os irmãos. A prova da oração é o amor concreto ao próximo.

Papa Francisco, *Audiência geral*, 7 de outubro de 2020.



# Boletim de Espiritualidade

1 NOVEMBRO 2020  
Ano VII Nº 75

75



## Agenda novembro 2020

- 2 a 6 **Fátima** (Santuário) – Retiro orientado por D. Manuel Pelino [🔗](#)
- 3 **Porto** (C. Cultura Católica) – Sacerdócio batismal e vocação à santidade – Alexandre Freire Duarte [🔗](#)
- 5 **Fátima** (Santuário) – Recolecção com P. Rui Acácio Amado Ribeiro [🔗](#)
- 5 **UCP** (online) – X Jornada de Teologia Prática: uma ecologia do essencial [🔗](#)
- 8 **Fátima** (Santuário) – Palestra: *Fátima, escola de santidade* – Joaquim Teixeira, OCD [🔗](#)
- 12 **T. Vedras** (Varatojo) – Encontro sobre a encíclica «Fratelli Tutti» [🔗](#)
- 12 **UCP** (online) – X Jornada de Teologia Prática: regressar à palavra [🔗](#)
- 12 a 15 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 14 **Foz do Douro** (Carmelitas) – Guias para Deus: *São João da Cruz* [🔗](#)
- 16 a 20 **Fátima** (Santuário) – Retiro orientado por P. Abílio Pina Ribeiro [🔗](#)
- 18 **T. Vedras** (Varatojo) – Encontro sobre a encíclica «Fratelli Tutti» [🔗](#)
- 18 a 26 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 19 a 22 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 19 **UCP** (online) – X Jornada de Teologia Prática: uma ecologia do essencial [🔗](#)

- 20 a 22 **Fátima** (Domus Carmeli) – 5º Módulo da Escola de Oração [🔗](#)
- 20 a 22 **Ávila** (CITeS) – Construir a Europa desde um humanismo integral [🔗](#)
- 25 **T. Vedras** (Varatojo) – Encontro sobre a encíclica «Fratelli Tutti» [🔗](#)
- 25 a 27 **Ribamar** (Fundação João XXIII) – 44ª Semana de Estudos: *Em Tempo de pandemia: grandes desafios* [🔗](#)
- 28 **Foz do Douro** (Carmelitas) – Guias para Deus: *São João da Cruz* [🔗](#)
- 27 a 29 **Fátima** (Domus Carmeli) – Retiro de Advento – P. João Rego [🔗](#)

## Agenda dezembro 2020

- 5 **Viana do Castelo** (Convento do Carmo) – Retiro de Advento [🔗](#)
- 7 **Fátima** (Santuário) – Recolecção com Cón. Jorge Alberto da Silva Seixas [🔗](#)
- 12 **Fátima** (Domus Carmeli) – Colóquio sobre Edith Stein [🔗](#)
- 12 **Foz do Douro** (Carmelitas) – Guias para Deus: *São João da Cruz* [🔗](#)
- 13 a 15 **Fátima** (Santuário) – Curso sobre a Mensagem de Fátima (Irmã Ângela Coelho, ASM) [🔗](#)
- 15 **Porto** (C. Cultura Católica) – A vocação e missão dos leigos – Marcos Faria [🔗](#)
- 18 a 20 **Avevassadas** – Fim de semana com Edith Stein [🔗](#)



Volvidos quatro anos após a realização do Congresso «A busca da verdade em Edith Stein», a Ordem dos Carmelitas Descalços decidiu realizar um colóquio sobre esta santa carmelita, a fim de reavivar a chama da sua mensagem e reunir todos quantos encontram na sua vida e escritos fonte de inspiração para a busca de sentidos mais profundos. Este Colóquio versará sobre duas vertentes essenciais do seu pensamento: a fé e a razão, numa leitura atualizada deste diálogo sempre fecundo.

O Colóquio contém dois painéis sobre as áreas histórico-filosóficas e teológico-espirituais. A partir deste Colóquio a organização pretende criar um grupo de estudo da vida e obra de Edith Stein a fim de enriquecer o pensamento e espiritualidade atuais com o seu contributo. [🔗](#)



# A palavra ao amor! — III

Armindo Vaz, OCD

Continuamos à procura do sentido original do **Cântico dos Cânticos**. É o livro da Bíblia que privilegia o ressoar das palavras e o palpitar do amor humano. Palavras incandescentes são as primeiras: “Que ele me beije com beijos da sua boca!” (1,2). Atiram logo com o leitor para o fogo do amor – “fogo que arde sem se ver” (diria Camões) –, onde arderá até ao fim do poema: “Forte como a morte é o amor... / Arder de fogo é o seu arder, / é chama divina” (8,6). Se o leitor tem memória clássica, ouvirá o eco das palavras abrasadas de Catulo († em Roma, 54 a.C.) à sua amada (*Elegias*, 5): “Dá-me mil beijos, depois cem, depois outros mil, depois outra vez cem, depois ainda outros mil, depois cem”. A intensidade do beijo inaugural no Cântico exprime em profundidade o humano enquanto ‘ser para o outro’; é o átimo de eternidade que inaugura a fusão dos amantes numa só pessoa.

Mesmo que não entenda inteiramente algumas expressões, o leitor do Cântico vai ficando irresistivelmente atraído e extasiado também pela doçura penetrante: “o seu fruto [da amada] é doce na minha boca” (2,2). O do Cântico é o amor cândido, belo, emocionado e constante, entre um homem e uma mulher enamorados, que contemplam desarmados a beleza um do outro, se olham e se descobrem, se dizem e se valorizam mutuamente, se procuram e se encontram com gozo imperturbado, numa estreita teia de relações, no fascínio e na dádiva desinteressada de um ao outro, inebriados com o mesmo néctar, numa catadupa de sentimentos, no idílio intensificado pelo arroubamento de ambos face ao encanto da natureza virgem dos campos: “Fala o meu amado e diz-me: / Levanta-te, anda, minha amada, minha bela, vem daí...; / despontam as flores na terra, / chegou o tempo das canções / e a voz da rola já se ouve na nossa terra; / a figueira faz brotar os seus figos / e as vinhas floridas exalam perfume” (2,10-13). Ela corresponde: “Anda, meu amado, / corramos para o campo, / passemos a noite sob os cedros, / madruguem pelos vinhedos... / Ali te darei as minhas carícias” (7,12-13). Os dois amantes cantam o amor de um pelo outro. Cada um chama “amor” ao outro: “Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém..., não desperteis nem perturbeis o amor, enquanto ele não quiser” (2,7; 3,5; 8,4); “como és bela, como és desejável, amor, filha de delícias! tu és bela, minha amada..., esplêndida como Jerusalém” (7,7 e 6,4). A amada da sua alma enche de sentido a sua vida; e isso faz com que o amado a veja como bela, numa visão que é simultaneamente consequência e causa do amor.

Portanto, a atmosfera que envolve o Cântico dos Cânticos é a do amor humano, do amor-*agapè* que completa e eleva o amor-*eros*, ambos bem presentes: é a do amor-*agapè* que se torna descoberta do outro, superando a fascinação pela grande promessa da felicidade, que poderia prevalecer no amor-*eros*: “Que formoso és, meu amado, / És pura delícia!” (1,15-16); “como são doces as tuas carícias, minha irmã e noiva!” (4,10). Assemelha-se ao *Amor* [*Eros*, deus personificado] que deslassa/afrouxa os membros [*lysimèles*]; / *Amor* doce e amargo, / fera subtil e invencível” – como o canta a poetisa



grega Safo (séc. VII-VI a.C., em *Amor doce e amargo*, 5-7). É o amor cantado igualmente pelo poeta grego Hesíodo (séc. VIII-VII a.C.), ao contar miticamente “aquilo que foi no princípio” (*Teogonia*, 114-122): “Primeiro foi *Amor* [*Eros*], o mais belo entre os deuses imortais, aquele que deslassa os membros [*lysimèles*] e que no peito de todos os deuses e de todos os homens doma a inteligência/coração e o sábio querer”. É o amor avasador e palpitante, que baralha a razão, agita o ânimo com alegrias e dores pungentes e toca de leve o absoluto: «muito padece quem ama» – reza o cante alentejano.

A linguagem do Cântico tem uma dinâmica imparável. O interior da sua densa simbólica está tecido com um fio invisível, que torna mais vivos todos os símbolos, dando unidade orgânica ao(s) poema(s). A descoberta do amado e do seu esplendor só acontece depois de uma busca ansiosa. A presença é saboreada em pleno só depois do amargo da ausência. A transbordante felicidade segue à angústia do vazio. A procura temporária é que torna fascinante a união que canta a vida num encontro surpreendente. O temor de momentos purifica a subsequente comunhão amorosa. Cada cena do poema é uma variação na procura da satisfação plena do amor. Os dois enamorados, que se movem e mantêm ao mesmo nível, são vida humana à procura do amor em *moto contínuo*, são vida enquanto busca e encontro. Ao encontrarem-se um ao outro, descobre cada um o mais verdadeiro da sua identidade, que também consiste em ser para o outro. O que afinal de contas os captura é serem conduzidos para campos desconhecidos, de fecundidade e fertilidade, que vão ter a caminhos novos de beleza e sabor: “Roubaste-me o coração, minha irmã e minha noiva, / roubaste-me o coração com um dos teus olhares” (4,9); “melhores do que o vinho são os teus seios [ou: ...as tuas carícias / os teus amores]” (1,2; 4,10). [CONTINUARÁ]

# Atividades de Espiritualidade

Ano Pastoral 2020-2021

## Pastoral da Espiritualidade Carmelitas Descalços

A Comissão de Espiritualidade da Ordem dos Carmelitas Descalços já ultimou o programa de atividades da pastoral de espiritualidade para o ano 2020-2021. Este programa contempla um conjunto vasto de atividades no âmbito da espiritualidade. A Província Portuguesa oferece atividades em todas as suas casas, mas sobretudo, a partir do Centro de Espiritualidade, em Avesadas, e da Domus Carmeli, em Fátima. A casa de Fátima está mais direcionada para as atividades formativas (congressos, cursos, escolas...) e a de Avesadas mais vocacionada para retiros a nível pessoal e de grupo, dado o seu ambiente de silêncio e envolvimento da natureza onde se insere. Pode solicitar o programa por correio para [domus@domuscarmeli.net](mailto:domus@domuscarmeli.net) ou 249530650 ou ainda consultá-lo em [www.espiritualidade.carmelitas.pt](http://www.espiritualidade.carmelitas.pt) Se desejar, envie-nos o seu endereço, e podemos enviar por correio normal um exemplar impresso.

## Escola de Oração

Formação de animadores



A Escola de Oração, além da oferta do curso fundamental em cinco módulos, irá oferecer outras oportunidades a fim de valorizar a experiência e a pastoral da oração. Por isso, e a pedido dos participantes, oferecemos um módulo para todos quantos querem transmitir esta gozosa experiência de oração a outros. A transmissão da fé faz-se sobretudo pela mistagogia, rezando e ensinando outros a rezar. Exatamente como o fez Jesus. Assim, nos dias 22 a 24 de janeiro de 2021 realizaremos um encontro de Formação de Animadores de grupos, comunidades ou famílias que desejam organizar e intensificar a vida de oração. Neste módulo abordaremos temas como liderança e dinâmica de grupos, critérios de leitura do grupo e dos seus participantes a fim de ajustar a metodologia e conteúdos ao percurso e etapa em que cada orante se encontra. Pensaremos ainda nas famílias, nos grupos de crianças e jovens. Apresentaremos alguns conteúdos mais teóricos, mas realizaremos sobretudo workshops muito práticos a fim de ajudarmos a missão daqueles que já integram ou lideram alguma experiência de oração em grupo ou o possam vir a fazer no futuro. Concretamente, abordaremos os seguintes temas: a pastoral da oração nas comunidades cristãs, o perfil de um agente pastoral da oração, o agente diante do grupo, estratégias para dinamizar uma comunidade ou grupo orante e ato orante. Além dos padres carmelitas contaremos também neste módulo com a preciosa ajuda do salesiano Pe Rui Alberto.



## O Despertar Humano

Reflexões de um tempo vertiginoso



Com este livro-entrevista, o padre Julián Carrón escancara a «realidade, da qual muitas vezes fugimos para poder respirar devido à incapacidade de estarmos connosco mesmos, desta vez

foi inclemente, obrigando a maior parte de nós a ficar trancados em casa, a parar. E neste isolamento tem-se erguido aos nossos olhos – talvez pela primeira vez de modo tão evidente e difundido – a nossa condição existencial». Que respostas estão à altura da situação? O padre Julián Carrón, presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação, tem vindo a confrontar-se com as perguntas de todos. Nestas páginas, oferece um contributo para a reflexão comum.

Publicação: Paulus editora

## fragmentos

✦ **A oração.** O Papa Francisco retomou as catequeses sobre a oração após o ciclo dedicado ao cuidado da criação no mundo ferido pela pandemia de coronavírus.

✦ **Fratelli Tutti.** Os oito capítulos da nova encíclica do Papa Francisco, «Fratelli Tutti», vão ser comentados em oito encontros (28 de outubro a 16 de dezembro), no Convento do Varatojo dos Franciscanos, em Torres Vedras.

✦ **Eucaristia de sufrágio.** No dia 14 de novembro, às 11 horas na Basílica da Santíssima Trindade do Santuário de Fátima, a Conferência Episcopal celebrará uma Eucaristia de sufrágio pelas vítimas da pandemia em Portugal.

✦ **Exposição.** Rostos de Fátima, fisionomias de uma paisagem espiritual será o título da próxima exposição temporária realizada pelo Santuário de Fátima.

✦ **Exercícios espirituais.** Consulte os programas de atividade das casas de retiros ligados aos jesuítas, e veja onde e quando pode fazer Exercícios Espirituais, o método de oração criado por Santo Inácio de Loiola.

# CONTRIBUTO PARA O RESGATE DA MEMÓRIA DE FREI JOÃO DA ASCENSÃO, CARMELITA DESCALÇO

(SÃO ROMÃO DO NEIVA, 1787 – BRAGA, 1861)

Frei João Costa, OCD

**1.** Nasceu no dia 26 de Outubro de 1787, na freguesia de São Romão do Neiva, concelho de Viana do Castelo. Foi baptizado no Dia de Todos os Santos na igreja paroquial, com o nome de João Luís. Foram seus padrinhos Bernardo Peyxoto de Barros, seu tio materno e doutor em leis, e a Madre Rosa de Jesus Maria, religiosa beneditina, do mosteiro de Santa Anna de Vianna. Era filho legítimo de Manoel Dias Delgado e Francisca Maria Peyxoto; o pai provinha de lavradores abastados daquela freguesia, sua mãe, de Alvarães, no termo de Barcelos, pertencia a linhagem consagrada às leis. Do casal nasceram oito filhos; o sexto, Manoel Joaquim, ordenou-se sacerdote na Sé de Braga, e foi pároco de São Miguel de Alvarães; o oitavo é o nosso João Luís, que próximo dos 16 anos deixou a casa paterna, para entrar no Noviciado dos Carmelitas Descalços, no convento de Nossa Senhora dos Remédios, em Lisboa.

Na família aprendeu as primeiras letras e a língua e cultura latinas, o que não nos deve surpreender; pode tê-las aprendido ou com o irmão Pe. Manoel Joaquim, ou na casa dos avós paternos, pois ali havia cabedal para tanto.

**2.** Entrou no Noviciado dos Carmelitas Descalços no dia 27 de junho de 1803, onde recebeu o nome de Frei João de São Cirilo. Não conhecemos, porém, a origem da sua vocação carmelitana. Se à data da tomada de hábito tinha já um irmão sacerdote na Arquidiocese de Braga, ignoramos por que razão João Luís não seguiu os passos de Manoel Joaquim. O certo é que na família existe uma fortíssima devoção mariana, como se pode verificar pela erecção da pequena capela dedicada à Virgem do Carmo, encargo que parece ter recaído sobre os ombros do Pe. Manoel Joaquim. Esta capela ainda existe, encontra-se adossada à casa familiar e é testemunho da veneração da família à Mãe de Jesus. A proximidade do convento de Nossa Senhora do Carmo de Viana também não é de enjeitar.

Concluído o Noviciado a 28 de junho de 1804, iniciou, de seguida, a sua formação filosófica e teológica nos colégios superiores da Ordem: de outubro de 1804 a fevereiro de 1805 fez o coristado no convento do Carmo do Porto, que correspondia a um reforço das letras e do latim; de outubro de 1805 ao Pentecostes de 1808 cursou Filosofia no colégio do Carmo de Figueiró dos Vinhos; de outubro de 1808 ao Pentecostes de 1811, Teologia, no colégio do convento do Carmo de Braga; e de outubro de 1811 ao Pentecostes de 1814 cursou Teologia Moral no mesmo colégio.

Ao todo foram dez anos de intensa formação nas ciências eclesiais, com uma crise de escrúpulos pelo meio, que, verdadeiramente, nunca terá sido superada.



*Desenho a carvão, obra de Sofia Maria Oliveira, Outubro de 2020*

Aos 23 anos foi ordenado sacerdote nos dias de Natal de 1810, a 27 de dezembro.

Durante o triénio de Teologia Moral foi escolhido como passante, o que significava que cursando como sacerdote, simultaneamente, era preparado como professor dos colégios da Ordem em Portugal.

**3.** Após os exames de Teologia Moral, em fins de maio de 1814, foi enviado de Braga para o pequenino conventinho do Carmo de Vila do Conde, onde permaneceu até ao verão de 1816. Os seus trabalhos foram ali os típicos dum sacerdote carmelita: com preponderância para o Ofício Divino, celebração da Missa e serviço de confissões; se este nos parece hoje um programa pouco ousado, o certo é que a Frei João jamais se aplicará um refrão típico dos seus dias: «Na Igreja quem não sabe outra coisa diz Missa, na Revolução quem não sabe mais nada diz asneiras». Além destes menesteres, cabia-lhe ainda o de sair do convento, juntamente com um companheiro, para esmolar nas quintas e casais mais abastados das redondezas, ofício que

visivelmente lhe repugnava. Talvez por isso, não espanta que do final do verão de 1816 ao verão de 1817 elege-se ingressar, por um ano — de facto, não podia pedir mais que um ano — no mosteiro de Santa Cruz do Buçaco, por ali se professar uma vida de profunda penitência e absoluta solidão, grandemente vivida em isolamento, nas ermidas espalhadas pelo frondoso monte do Buçaco, que ao tempo replicava o perímetro da cidade santa de Jerusalém.

**4.** Findo o ano de solidão no Santo Deserto do Buçaco, o famoso «céu ao contrário», por se encontrar estacionado na terra, o Capítulo Geral de julho de 1817 entregou-lhe patente para ensinar, pelo que se pôs a caminho do convento de Nossa Senhora dos Remédios de Évora. Era o pino de verão quando ali chegou. Uma vez ali, pontificou como presidente das conferências morais, cujo exercício comunitário apenas o ocupava uma vez na semana, sendo o restante do tempo ocupado na pregação na igreja conventual e nas das redondezas, e na direcção das almas. O tempo que na região pontificou foi curto, é verdade, mas a memória da sua pregação prolongou-se por décadas.

No triénio de 1818-20 ensinou Filosofia no colégio de São João da Cruz de Carnide, em Lisboa; e de 1820-26, Teologia Dogmática no colégio de São José, em Coimbra; e de 1829-32, Teologia Moral, de novo em Évora.

Em 1832 foi reeleito prior do convento de São João da Cruz de Carnide, que viria a ser clausurado um ano depois, por ordem d'El Rei D. Pedro, que legislando desde os Açores dava início à sua reforma geral eclesiástica. Durante o verão ter-se-á deslocado para o convento do Carmo de Santa Teresa de Jesus, em Santarém, donde saiu, segundo notícias que possuímos, em outubro desse ano para o de Braga, em cujo colégio superior deixou um punhado de jovens formandos.

Depois de aqui instalar aquele pequeno grupo, aqui deve ter descansado uns dias, talvez até ao Natal, partindo depois para o convento do Carmo de Viana do Castelo, onde permaneceu algum tempo, e donde houve de sair por ter começado a ser ali perseguido; chegado à casa paterna, ali levou vida recolhida e discreta, dizendo Missa todos os dias, portando sempre o hábito castanho de Nossa Senhora do Carmo, donde lhe advieram incómodos vários, que o levaram a trasladar-se para casa de uma irmã e seu cunhado, em Ponte da Barca. Ali continuou intensa vida de oração, sempre discreto, e sempre revestido do hábito carmelita, e celebrando sempre Missa, abertamente, numa capela próxima. E também ali despontaram os incómodos, ao ponto de uma noite ter sido aprisionado por uma chusma de janízaros. Encarcerado a sete chaves por entre graças e faltas de respeito, logo que apresentado a tribunal, prescindiu de defesa por preferir defender-se a si mesmo, arguindo com tal acerto e sabedoria contra os defensores da Carta Constitucional, provando que o seu arresto contradizia as liberdades que aquela pronunciava, pois a Carta não permitia a prisão de alguém sem culpa formada. E foi liberto com as desculpas do tribunal, que o não obrigou a retirar o hábito. Após este inglório sucesso regressou, novamente, a São Romão, onde não restou muito tempo, por a sua presença já não ser grada entre os seus. Diz-se ainda

hoje, que ao ser dali escorraçado à pedrada, no lugar de Além do Ribeiro, já no limite da freguesia, virando-se, os invectivou, declarando: *Fica-te, São Romão, e que não dês nem vinho nem pão!* Se é verdade ou não tal legenda, não sabemos, que ninguém o sabe de ciência certa; o certo é que no lugar donde Frei João se despediu dos seus ainda hoje as leiras estão pejadas de pedrinhas, que só empecem o cultivo e a fecundidade dos campos. Existe, contudo, um contrapeso à legenda, pois segundo relata a mesma memória popular, ao virar-se para a invectiva, lançou o seu cajado em direcção à freguesia, e no local onde este caiu, brotou uma fonte de água doce, que, segundo os mais antigos, jamais secou até aos dias de hoje.

**5.** Os últimos 22 foram vividos na cidade arcebispa, em casas amigas, sobrevivendo da caridade cristã, quer de amigos quer de alheios, lamentando sempre ser-lhes pesado, no que eles assumiam como honra e bênção. Dedicava-se intensamente à oração, segundo as regras da Ordem; à mortificação e à penitência (foi neste tempo que passou a rezar o Breviário de Joelhos); à caridade e ao sufrágio das almas, percorrendo incansável e demordamente os claustros conventuais da cidade.

Por onde passou, passou amável, humilde e bondoso, pelo que sempre foi mui respeitado, quer pelos humildes, com quem mais se identificava e a quem mais servia, quer pelas personagens ilustres da cidade e do reino.

Sendo pobre e de tudo carecendo, nada pedia para si, mas promovia, o mais anonimamente possível, a ajuda a pessoas e famílias de pobreza envergonhada, e provia de formação e de dote as jovens mulheres que desejavam consagrar-se a Deus, nalgum mosteiro da região.

A ele que em tudo e sempre apenas desejou ser carmelita perfeito, Braga de meados do séc. XIX chamou «o Fradinho do Carmo» e «o Santinho do Carmo».

Morreu no sábado 16 de março de 1861, depois de prolongada crise de escrúpulos causada não por defeitos reais, mas, segundo o que costuma suceder, por temor do menor defeito.

O seu funeral realizou-se no dia 18, segunda-feira, e foi oficiado pelos seus irmãos carmelitas descalços ainda residentes na cidade e por alguns outros eclesiásticos. Concorreram àquelas celebrações fúnebres algumas pessoas respeitáveis da cidade, mais de cem alunos das aulas maiores do segundo e terceiro ano do Seminário Arquiepiscopal, e todos os alunos do Seminário de São Caetano, que instruíam e encarreiravam os órfãos da cidade.

Sepultado o seu corpo na Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Braga, do lado do Evangelho, junto do arco cruzeiro, encontra-se, hoje, porém, em lugar secundário e esquecido.

A seu tempo, espantado com o fenómeno, Camilo Castelo Branco foi um dos que engrossaram a longa fileira de romeiros que visitavam o seu túmulo.

**6.** Completam-se em 2021, os 160 anos da sua morte.

**7.** Sirva o avivar da sua memória como introito ao nosso louvor às maravilhas de Deus, que sempre cuida e ampara o caminhar do seu povo!

# Retiro de Advento 2020

Online

Os Carmelitas Descalços oferecem novamente a possibilidade de viver um retiro de advento online, oferecendo meditações para cada semana de advento e algumas pistas para cada dia. Desta vez seremos acompanhados por uma carmelita francesa, Bárbara Acarie, a Bem-Aventurada Maria da Encarnação (1566-1618).

Será possível que o dom que Deus faz de Si próprio na noite de Natal não nos baste? Esta é a interpelação que nos faz a mulher que foi charneira da renovação da Igreja em França, na questão das guerras religiosas, e que fundou no seu país o Carmelo Reformado por Teresa de Jesus. Bárbara Avrillot, nascida em 1566, numa família rica da nobreza aristocrática parisiense, tornou-se Dona Acarie aos 16 anos, pelo seu casamento com Pedro Acarie, da alta nobreza. Tiveram seis filhos. Três das suas filhas entram no Carmelo e quando a própria Bárbara Acarie fica viúva ingressa também no Carmelo e aí leva uma vida de grande santidade. Pode conhecer mais em [carmelitas.pt](http://carmelitas.pt).

São os pensamentos e experiência espiritual desta figura do Carmelo, menos conhecida do grande público, que nos vão ajudar a viver este tempo de advento.

Seguiremos esta Bem-Aventurada de domingo em domingo até à alegria do Natal:

- 1º domingo: «Vigiai!» - virgindade e vigiância;
- 2º domingo: «Ele vos batizará no Espírito Santo» - obediência e liberdade;
- 3º domingo: «Eu não sou digno de Lhe desatar a correia das sandálias» - ação e contemplação;
- 4º domingo: «Faça-se em mim segundo a tua palavra» - fecundidade eclesial
- Natal: Divina humildade - o espírito da infância;

Em cada sexta-feira receberão estas meditações. Quem já se inscreveu nos anos anteriores não precisa de o fazer de novo. Este retiro foi preparado pelo carmelita Fr. Olivier Rousseau e pelas Irmãs do Carmelo de Pontoise, França. A Província Portuguesa dos Carmelitas Descalços traduziu e adaptou para a língua portuguesa.

